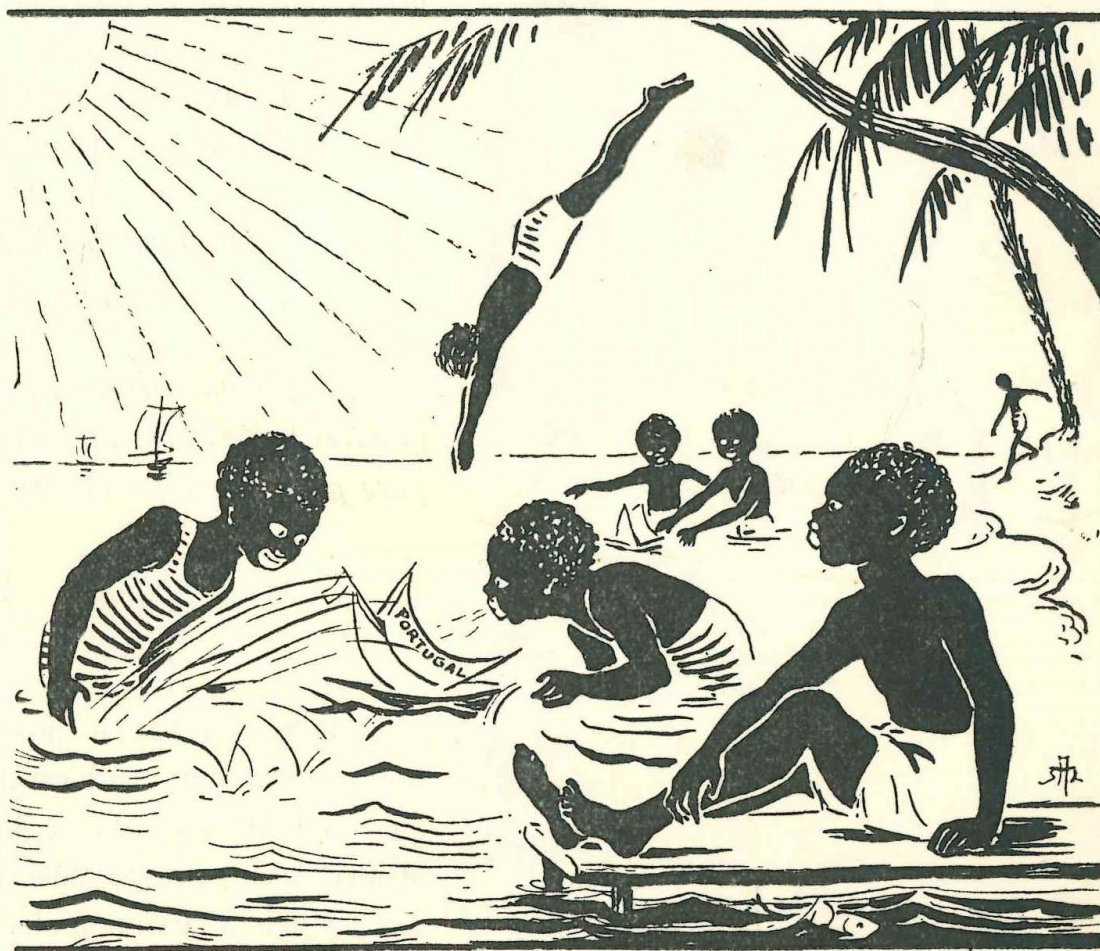


BIBLIOTECA



DIVERTIMENTO DAS FÉRIAS

# O CORREIO MISSIONÁRIO

## ■ DAS CRIANÇAS ■

# PÁGINA DAS ADOPÇÕES

*Meu querido Correio Missionário  
das Crianças :*

*Há relativamente pouco tempo que tenho conhecimento deste simpático jornal. Tenho a minha assinatura paga até ao mês de Setembro, mas quero continuar a recebê-lo e também gostaria de arranjar como afilhadinho um dos vossos protegidos (um chinesinho) ao qual daria o meu nome: João (Jean). Envio uma pequena quantia para o seu baptizado. Gostava de ter o seu retrato e de ter de vez em quando notícias de meu afilhado.*

*Aceite, R. Madre, os meus respeitosos cumprimentos.*

*Aqui junto 20\$00 para o baptizado. Se fôsse possível preferia um afilhado que soubesse escrever para poder corresponder-me com êle.*

*Jean de Raymond*

(tenho 10 anos)

Muito obrigada ao nosso querido assinante e o seu afilhadinho será escolhido entre os pequeninos de Macau. Mas é preciso dizer que para manter uma correspondência com um afilhado e receber dêle a sua fotografia é preciso que os nossos assinantezinhos nos enviem a quantia que as nossas Missões estipulam que é de 50\$00. Esperamos em breve dar-lhe algumas notícias e permita Deus que o padrinho e o afilhado se entendam muito bem mas, cautela... com o chinês.



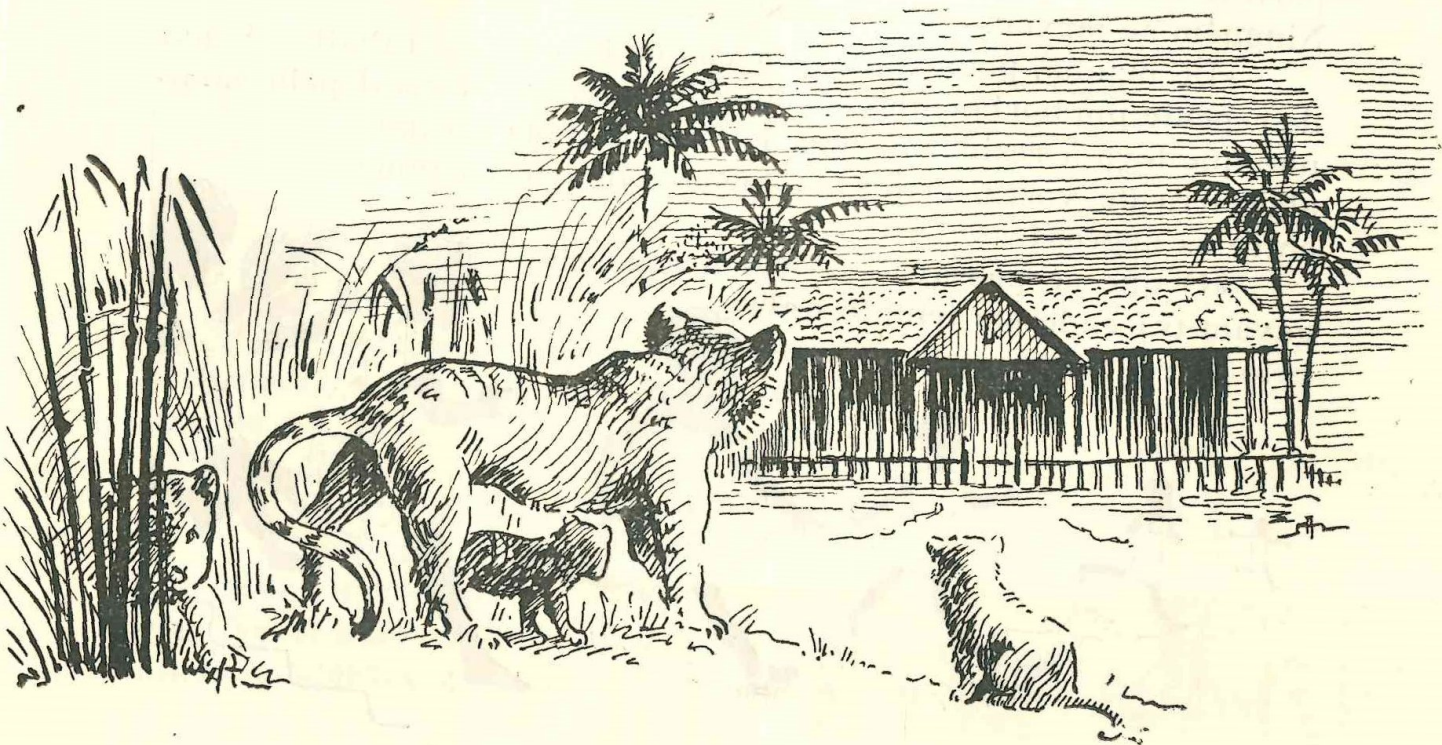


## O TIGRE

O tigre de Boundji! a sua lembrança faz estremecer!  
Ouvi, cu melhor, lêde o que as missionárias contavam há alguns meses:

«Uma manhã, ao sair da Missa, as nossas pequeninas deram logo conta de pégadas muito reconhecíveis de patas de quatro dedos distintamente enterradas na areia húmida, e não sòmente patas grandes, mas ainda várias pequenas. Muito bem! É tòda a família tigre, pai, mãe e filhos, que passeiam agora e levam as suas rondas nocturnas até debaixo das nossas janelas, sem ruído, ao lindo clarão do luar!

«No primeiro instante, pânico geral, movimento instintivo de fuga precipitada para o internato a-fim-de se pôr em segurança. Mas recupera-se a coragem — os tigres não passeiam de dia — e então são interessantes investigações para encontrar os rastos das feras. Podem-se seguir muito bem, saindo do matagal, indo, vagueando em volta da capela, da oficina, atravessando mesmo o can-





teiro da nova capela e passando para a futura sacristia! Depois, vêem-se ao longo da grade que fecha o nosso pequeno jardim, em frente ao rio.

«E isto não se apresenta somente um dia, mas vários dias consecutivos, tão bem que tudo estava em pronta defesa e havia a ordem formal para não abrir as portas de noite, qualquer que fôsse o pretexto!

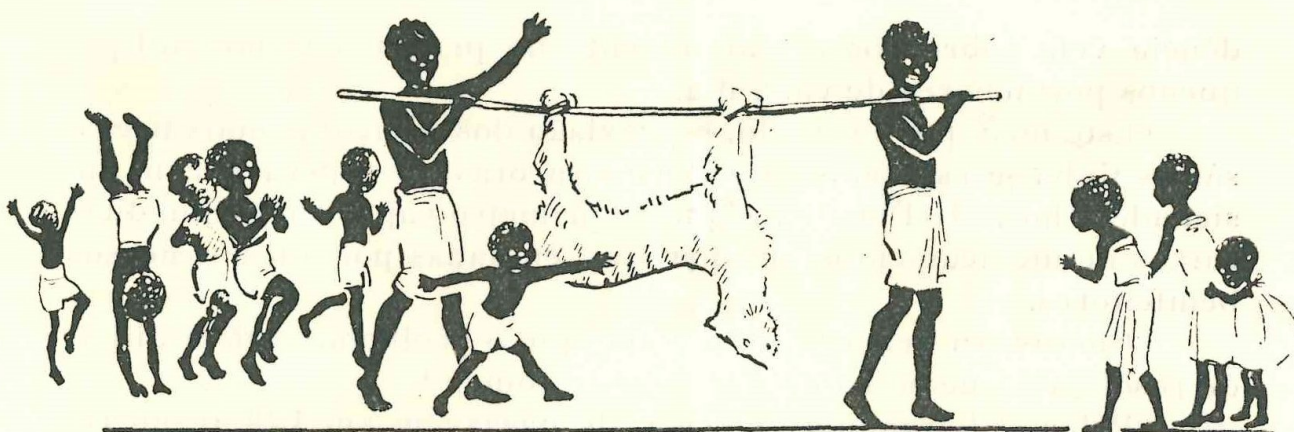
«Sem dúvida que o nosso cãozinho, solto tôdas as noites, não sentia gosto em se encontrar frente a frente com as feras e prudentemente se punha em segurança; em todo o caso não o ouvimos ladrar uma única vez.

«Por fim, anteontem, pela meia noite, um tiro de espingarda, partido não longe do convento, despertava-nos em sobressalto... Ninguém se mexeu.

«De manhã, pouco antes da chamada para o trabalho, houve de-repente um borborinho seguido duma revoada geral pelo caminho que leva à residência dos Padres. Depois, grande algazarra de vozes, gritos, aplausos, como é costume entre os negros!

«O que se passava? «Dois negros chegavam trazendo em triunfo um belo tigre, morto, suspenso pe-





las patas a um grosso pau. A fera recebeu a ovação que merecia; cada uma admirava, acariciava à vontade a bela pele estriada, a comprida cauda e as garras cruéis.

«Como o apanharam? Naquela noite armaram-lhe um laço com um cabritinho por isca; era uma espécie de cabana, com a largura de um metro, cinco de comprimento, feita com estacas sólidas, espessas, e tôda coberta de madeira e ramos, no centro, uma pesada acha colocada em sistema de balancê, devia, apenas o tigre pusesse lá a pata, deslocar-se de repente, fechar a porta.

«A coisa passou-se exactamente assim, porque eis o tigre prisioneiro, sem mesmo poder apanhar o inocente cabritinho, cujos gritos lastimosos o tinham atraído, e que uma fileira de estacas separava dêle.

«Lançou rugidos, mas nada mais fêz e um negro corajoso, que ficara de atalaia, correu a avisar o Padre.

«Êste, armado duma espingarda, dirigiu-se à cabana que a fera ameaçava deitar abaixo com os seus saltos furiosos. Logo à primeira o deitou por terra. «A alegria foi grande na Missão, mas não completa: falta ainda a fêmea... e os filhos vão crescer! Por isso a armadilha não deixará de funcionar.

«A floresta equatorial, além disso, reserva sempre destas surpresas.

Na Missão de Lékéti, todavia, nunca tivemos ainda acidentes graves a deplorar. A boa Provi-



dência vela sôbre nós e não somente no perigo mas nos mil pequenos pormenores de cada dia.

«Êste mês, por exemplo, a provisão dos remédios mais necessários tinha-se esgotado. A enfermeira orava e esperava com ansiedade a hora de Deus e eis que no primeiro vapor chegaram duas caixas de medicamentos, inesperadas, enviadas por um dos nossos bemfeitores.

«Uma outra vez, era na cozinha que o problema estava difícil de resolver: que se há-de dar hoje de comer?

«Pelas 11 horas, um europeu, de passagem em Lékéti, ao regressar duma caçada, veio oferecer belas perdizes para as pequeninas Tegués. Alguns momentos depois um belo pato chegava também, mandado por um caridoso anónimo.

«Como sentir desde então preocupações? Aquêle que alimenta as avezinhas, vela mais ainda pelas nossas internazinhas e proteger-nos-á das feras.»





## A AVENTURA DE SUSANA

O assunto complica-se. De manhã, enquanto vestem as crianças, *Siang-Hoa*, deixando às grandes o cuidado de prepararem Susana, desce ao pátio e vai duma porta a outra, procurando sempre uma saída para uma ocasião propícia. Da janela, as órfãs seguem as suas idas e vindas.

Ah! estas miseráveis fechaduras!...

Cada vez mais descontente, *Siang-Hoa* entra no dormitório.

«É assim que se fecham sempre as portas nesta casa? (a sua voz tremia de cólera.)

— Pois com certeza, responde a órfã, que, neste momento, põe em ordem as pequeninas para a Missa. Se quere sair peça à *Siéu-tau* que está na portaria.»

Não é precisamente isto que conta fazer *Siang-Hoa*.

Par fim, compreendendo que Susana está debaixo duma boa guarda e que o persistir só serviria para revelar mais claramente as suas intenções, opta pelo partido mais prudente: aceitar a excelente taça de arroz que a Irmã lhe traz... e decidir-se a partir.





As despedidas são dolorosas. *Siang-Hoa* ama sinceramente a *Susaninha*. Apesar-da licença que tem para vê-la todos os meses e até mais, soluça ao deixá-la como se se tratasse dum adeus definitivo.

Quanto a *Susana*, muito de-pressa habituada ao orfanato, é muito alegre, palra pelos cotovelos e conta a quem quere ouvi-la que foi porque «o seu pai» não estava em casa que a Irmã Francisca a trouxe...

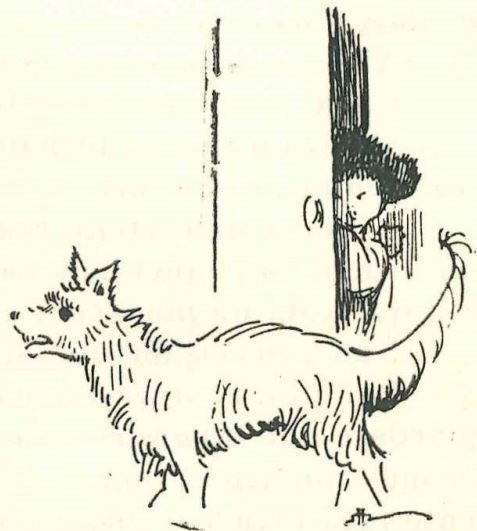
Depois, quando apenas viam aproximar-se do convento algum mensageiro ou mesmo uma pessoa estranha, escondiam-na de-pressa numa cabana com um cão muito mau preso à porta. E ela repetia:

«Se a Irmã Francisca não fôsse lá aquela semana, depois não me teria encontrado. O meu pai por duas vezes disse que iríamos viver para uma outra aldeia para que ninguém pudesse ir buscar-me.»

E agora se alguém lhe pergunta: «Susana, quando a tua mãe voltar para te ver, queres ir com ela?»

— *Siéu-táu*, responde a criança, minha «mãe» é muito boa, mas Susana está muito bem aqui.»

«É que, verdadeiro diabrete, é feliz entre as suas companheirinhas, mas sobretudo começa a conhecer, a amar o Menino Jesus. A capela tem para ela um atractivo muito especial e de manhã, Susana não tem sossêgo enquanto não diz o seu «bom dia a Jesus e a sua Santa Mãe.» Ela não sabe ainda muito a res-



peito de orações, mas os grandes *Ka-t'eou* (saudações) suprem por agora. E tôdas as vezes que passa diante da Gruta de N. Senhora, vê-se parar para dizer, com um sorriso filial nos lábios:

«Bom dia Virgem Santa»!



## Os pobres chinezinhos

**A** grande guerra da China!... Quantos sofrimentos, quantas tristezas ela causou já e causa ainda todos os dias! Lúgubres espectáculos dos campos de batalha, pânicos quotidianos causados pelos aviões, e explosão de bombas, evasão das cidades e das aldeias, fugas loucas sem nada transportar, ou quási nada, para as províncias longínquas, desconhecidas, angústia duma miséria sempre cada vez maior, é o quinhão inevitável dos pobres refugiados! Por tôda a parte, que cenas desoladoras! E até ao longínquo Setchuan milhares e milhares de pobres criaturas, expulsas de suas casas, seja pela guerra seja pela cheia do rio, cada dia afluem mais numerosas.

Quantas misérias!... Mas em compensação, para os missionários, quantas ocasiões de se abnegar, de se sacrificar e de fazer conhecer também a verdade.

Emquanto que os padres se dão tantíssimo ao seu ministério, as Irmãs consagram-se aos feridos nos hospitais, nas ambulâncias, nos dispensários, ou então acolhem os refugiados nos seus conventos por vezes mais ou menos destruídos...

Mas ai! o número destes infelizes aumenta, aumenta sempre; nas cidades aonde chegam, invadem tudo: pagodes, salas de teatro e casernas, vazias dora-avante, por tôda a parte onde podem abrigar-se. Não têm por cama mais que a terra nua e o reduzido fardo que puderam carregar, quando já tinham ao colo uma ou duas crianças ou então uma doente...



Uma tal miséria não causa piedade? Em Shase, por exemplo, cidade bastante importante, não longe de Hankow conquistada agora e de Stchang, já várias vezes bombardeada, os refugiados, escrevem os missionários, chegam de três províncias ao mesmo tempo! O govêrno abre-lhes os grandes estabelecimentos, os pagodes e assegura-lhes todos os dias uma ração de arroz. É muito já, mas quantas privações, quantos sofrimentos, quantas angústias, para quem se vê assim reduzido ao mínimo para não morrer de fome e de miséria!



As Irmãs vão diariamente visitá-los, e levam-lhes todos os socorros possíveis. É o céu que elas abrem a tantos destes infelizes, um sorriso que fazem desabrochar nestes rostos definhados, são lágrimas que elas secam nas faces das pobres mãis que vendo os filhinhos a sofrer, não podem reter os soluços. Ah! como um pouquinho de leite ou de alimento, um doce, uma peça de roupa, são recebidos com reconhecimento!

Ouvi esta história:

Uma manhã, à hora habitual, as Irmãs chegam ao pagode. O guarda previne-as logo que um homem está muito doente.

«Onde está?»

«Ali.»

É o guarda leva-as a um pequeno compartimento, o mais sombrio e o último do pagode. Um vèlho, um moribundo está lá, com efeito, na terra



nua. Junto dêle, está sentada uma criança, um rapazinho de 10 anos, e que de vez em quando lhe dá a beber um golo de chá,

O pobre vêlho engole com muito custo.

«É o teu pai que está assim doente? menino.

— Não, (las jen) é meu avô, responde a criança,

— Como te chamas?

— Yang.

— O teu pai e a tua mãe?...

— Apenas somos nós dois da família.

— Os outros?

— O meu pai, a minha mãe e os meus irmãos, ao todo nove pessoas, morreram na inundaçãõ...»

O vêlho treme, chora e a criança também.

— Não é muito difícil rodear dum pouco de bem estar êste pobre tugúrio!

— Tudo falta. Um cobertor, uma peça de roupa, um pouco de comida quente, que riqueza!

As Irmãs tratam o melhor possível o pobre doente, depois falam-lhe de Deus e vendo-o tão bem disposto, perguntam-lhe se quiere ir para o Céu e ver o grande Deus tão bom, tão misericordioso, e estar perto dêle, feliz para sempre... O moribundo não pode crer em tais promessas... Antes de o deixar as Irmãs baptizam-no e no dia seguinte o pobre vêlho troca esta terra de sofrimentos pelo paraíso de felicidades.

Durante três dias, inconsolável, Yang chorou o avô. Depois, inteligente, decidido, não quiere ficar naquele triste refúgio, agora que o avô já não existe.

Que faz êle? Na escola do sofrimento, Yang tornou-se um verdadeiro homem. Êle próprio se arranjou tão bem que em poucos dias encontrou um bom marceneiro que o aceitou como aprendiz.

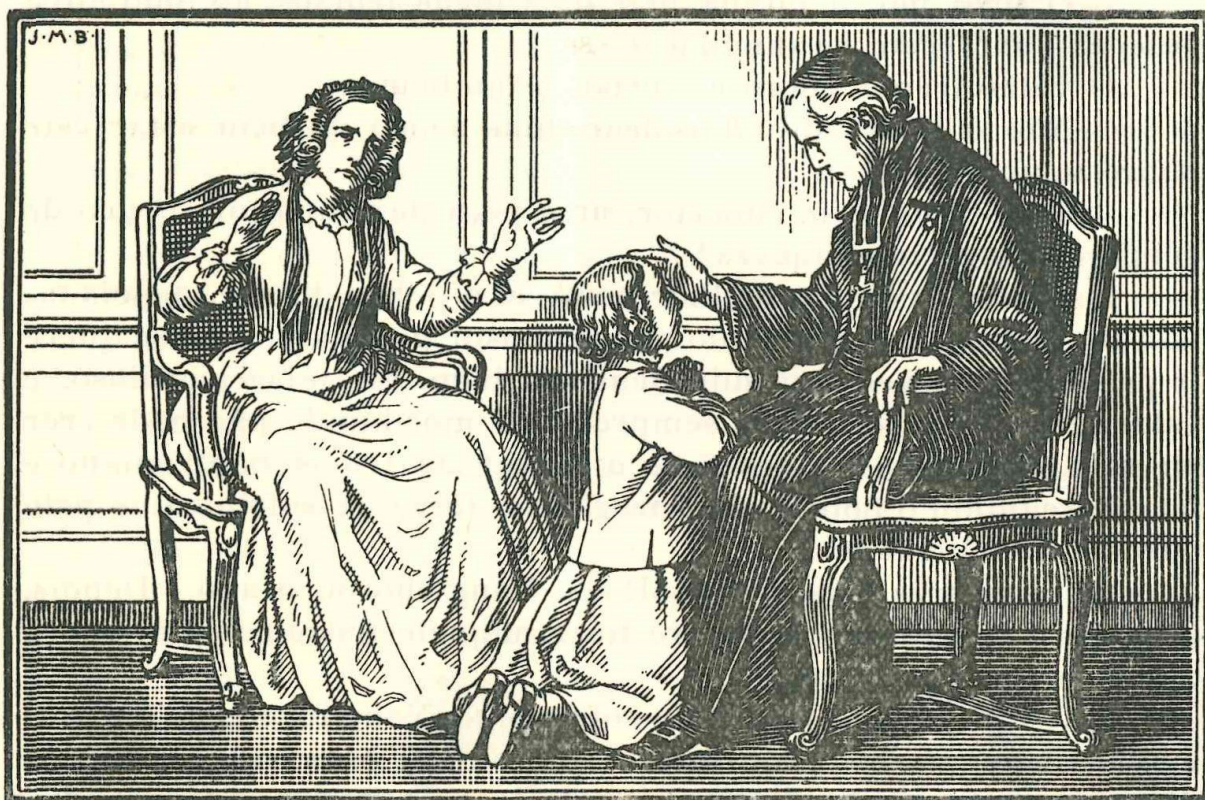
São numerosos, muito numerosos, os chinezinhos que, atingidos assim pelos grandes sofrimentos da guerra, se vêem de repente privados das alegrias que enchiam a sua infância. Mas como se sabem mostrar fortes e corajosos em face da prova!



## FIDELIDADE À GRAÇA

**O** Bispo dos Natchez — povo selvagem da América do Norte — encontrando-se na Europa foi visitar o Senhor de Chappotin, pai da Nossa Veneranda Madre Fundadora, que tinha sido educado com êle em Baltimore juntamente com os Santos Prelados, os Reverendissimos Plaget e Brulé.

«Eu não posso dizer, escreve Madre Maria da Paixão, quanto a minha alma de criança ficou impressionada ao vê-lo. Achava



meu pai infeliz por se ter casado, enquanto que os seus amigos eram todos de Deus e para mais Bispos!

Um dia Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> pôs-se a excitar o meu interêsse pelos selvagens.

«Eles andam sem vestidos, dizia êle, não conhecem a Jesus, nem a Maria. Isto não é triste Helena?»

Helena tinha os olhos cheios de lágrimas. A mãe não chorava, mas dizia :

«Senhor, cale-se por favor, vai fazer com que nasça a vocação nesta criança.»

E Sua Ex.<sup>a</sup>, sem se importar com as reclamações, continua com a sua voz suave.

«Aqui há três meninas. Uma para o pai, é Martinha; uma para a mãe, é Luíza, a terceira é para Jesus, é Helena.» E eu, sentindo-me no fundo bem feliz, contudo dizia: «Não quero deixar a mamã!» Minha mãe queixava-se vivamente. O Bispo, talvez divinamente inspirado, continuava: «Os selvagens não conhecem nem a Jesus nem a Maria.»

«Emfim, com o coração cheio de tristeza pelo grande sacrificio que fazia, pus-me de joelhos e disse: «Pois bem! eu serei Missionária.»

(Vida da Reverendíssima Madre Maria da Paixão).

## Como se fundou uma Missão entre os antropófagos

Na aldeia pagã vivia um pobre corcundinha, com um tronco robusto firme numas pernas tão pequeninas e tão fortemente arqueadas, que os negros puseram-lhe a alcunha de Mosusu (coxa de crocodilo). A sua idade? Devia ter entre dez a quinze anos; é impossível precisá-lo.

O mais surpreendente era que... *Mosusu* vivesse ainda e que não tivesse passado pela «terrível marmitta». Como é que isso não tinha acontecido?

Ele próprio o explicou à Madre Maria do B. Rizzier.

«Ah! *Mamelo!* Foi graças a meu pai. Gostava muito de mim e não quis que me comessem. Agora o meu pai morreu e, quem sabe... um dia, quando fôr à pesca... Os da tribo são muito astutos e não vão comer ninguém aqui; têm medo dos brancos. Mas na ilha e do outro lado do rio onde tudo é floresta e onde nunca vai um branco, lá ninguém os vê e comem ainda homens; a minha vez poderá muito bem chegar!

Pobre *Mosusu!* Esta perspectiva todavia não o tornava melancólico.



«Se bem que pagão, escreve Madre Maria do B. Rizzier, assistia tôdas as manhãs à Missa, na paróquia que ficava distante da sua casa um bom quarto de hora. Deixava o chimbek antes das 5 horas e o mais engraçado é que, chegado junto da igreja, e a duzentos metros aproximadamente do nosso convento, punha-se a gritar com tôdas as suas fôrças :

«*Mamelo Mokojni* (Madre Superiora), basta tanto dormir, levante-se, não tarda a tocar para a Missa!»

«Querido pequeno! Não suspeitava sequer que estávamos a pé muito antes dêle.

«Terminada a Missa, vinha saüdar-nos e invariavelmente perguntava :

«*Mamelo*, ter dormido bem? Ter ouvido esta manhã quando eu a chamei? Sim, não é verdade, porque eu ter visto a luz.»

«Mosusu, perguntei-lhe eu um dia, onde vais tu assim tôdas as manhãs?

«— À Missa.

«— E fazer o quê?

«— Rezar ao grande *Nzambi*.

«— Mas tu não és cristão.

«— Eu ir todos os dias ao catecismo, o meu *Pelo* (Padre) prometeu baptizar-me quando eu saber, mas o meu coração é já cristão.»

«Na véspera duma festa da Assunção, veio suplicar-me :

«*Mamelo*, dê-me um vestido bonito, eu também querer fazer cortejo ao SS. Sacramento.

«— Mas, Mosusu, só os cristãos é que fazem parte da procissão. Tu podes seguir atrás, mas não tenho roupa para ti.

«— *Mamelo*, meu coração já cristão. Verás como vou rezar bem! Quando a procissão acabada eu vir logo entregar o vestido.»

«Como resistir a tão ingénuas súplicas? Consultado o missionário concedeu êste privilégio a Mosusu que altivo como Artabão, vestiu uma linda túnica branca com galões vermelhos e tomou o seu lugar na procissão.

«Tomou o seu lugar, . . . que digo eu? Apenas o desfile começou, Mosusu, deixando o lugar que lhe tinha sido destinado veio colocar-se justamente, mas com muito respeito diante do SS. Sacramento, apoiando-se com uma mão a um pau e segurando na outra o têrço.

(*Continua*).

# PÁGINA DAS ADOPÇÕES

(Continuação da 2.<sup>a</sup> pág.)

## Aos nossos queridos assinantezinhos

*O Correio Missionário lembra que as franquias para o estrangeiro são bastante elevadas e que para manter uma correspondência com os seus protegidos é necessário que as Missões não fiquem prejudicadas, estipulando para isso o preço de 50\$00, incluindo a fotografia. Como desejaríamos que se estabelecessem entre uns e outros uma verdadeira correspondência, interessante sob todos os pontos de vista! Quanto não havia a lucrar da parte de uns e de outros. Vamos, coragem pois e pensai, queridos assinantes, em levar pelas vossas palavras luz e consôlo aos que andam nas trevas e vivem na dor.*



## Muito obrigado

À Ex.<sup>ma</sup> Snr.<sup>a</sup> D. Adélia Mendes Paula (Sardoal), pela sua generosa oferta de 5\$00 para baptizar um pretinho com o nome de João.

**Guarda** — Anónima — Para o baptismo de duas pretinhas, 20\$00.

---

Nihil obstat

13-7-939.

P. M. Rodrigues de Azevedo.

Imprimatur

Bracaræ, 6 Julius 1939.

† A., Arch. Bracaræ.



CORREIO MISSIONÁRIO DAS CRIANÇAS. — Assinatura anual: 5\$00 — Colónias: 6\$00

Para os assinantes dos Anais: 1\$00 — Assinantes Bemfeitores: Grátis

Número avulso: \$60

Tipografia das Missões Franciscanas — Braga